

RENATO MORETTO MACCARINI

A EXPRESSÃO DO EGOÍSMO E SUA RELAÇÃO COM  
OS TRAÇOS DE CARÁTER ORAL E NARCISISTA  
SEGUNDO A PSICOLOGIA CORPORAL



Monografia apresentada como  
requisito parcial ao Programa de  
Especialização em Psicologia  
Corporal, ministrado pelo Centro  
Reichiano.

Orientador: Prof. Dr. José  
Henrique Volpi

Curitiba  
2009



## TERMO DE APROVAÇÃO

Eu, **Prof. Dr. JOSÉ HENRIQUE VOLPI**, no uso de minhas atribuições legais no **Curso de Especialização em Psicologia Corporal**, ministrado pelo Centro Reichiano, na cidade de Curitiba/PR, Brasil, considero **APROVADO**, o trabalho monográfico de conclusão de curso do aluno **RENATO MORETTO MACCARINI**.

Curitiba, 16 de Maio de 2009

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. José Henrique Volpi**  
**Orientador**

---

### CENTRO REICHIANO

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 Jardim Botânico Curitiba/PR - Brasil - CEP: 80210-000  
Fone/Fax (41) 3263-4895 / Site: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br) / E-mail: [centroreichiano@centroreichiano.com.br](mailto:centroreichiano@centroreichiano.com.br)



À minha filha Gabriela,  
por discordar,  
por questionar,  
me fazendo pensar.  
Pelos desafios,  
pelas dúvidas,  
pela inspiração,  
pelo simples fato de existir,  
pelo amor mútuo... sempre.



[...] Eu sou egoísta  
E o auge do meu egoísmo  
É querer ajudar [...]

[...] Se você acha o que eu digo fascista  
Mista, simplista ou anti-socialista  
Eu admito, você tá na pista  
Eu sou ego, eu sou ista  
Eu sou ego, eu sou ista  
Eu sou egoísta  
Por que não [...]

Raul Seixas

## RESUMO

A expressão de certo grau de egoísmo é aceita em qualquer sociedade. Cada indivíduo precisa de uma dose e variedade de comportamentos egoísticos para poder sobreviver numa cultura. Caso contrário, ele é por ela dragado. Em uma pesquisa realizada por universitários em Curitiba foram identificadas algumas formas de expressão do egoísmo, agrupadas em seis categorias, que vão desde indivíduos que se consideram altruístas até aqueles que se autodenominam egoístas. A partir desses resultados pode-se então correlacionar a característica dessa expressividade com os traços de caráter oral e narcisista propostos pela Psicologia Corporal, e verificar de que forma tais traços de caráter expressam os seus comportamentos egoísticos.

**Palavras-chave:** Caráter. Egoísmo. Narcisismo. Oralidade. Psicologia Corporal.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2. SOBRE O EGOÍSMO</b> .....	11
<b>3. SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO CARÁTER</b> .....	17
3.1. ETAPA OCULAR .....	23
3.2. ETAPA ORAL .....	24
3.3. ETAPA ANAL.....	25
3.4. ETAPA FÁLICA.....	26
3.5. ETAPA GENITAL.....	27
<b>4. CARÁTER ORAL</b> .....	29
<b>5. CARÁTER NARCISISTA</b> .....	34
<b>6. A EXPRESSÃO DO EGOÍSMO</b> .....	37
<b>7. A PESTE EMOCIONAL</b> .....	39
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	41
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	43



## 1. INTRODUÇÃO

O homem nasceu para viver em sociedade e dela depende, sendo-lhe impossível viver isoladamente. Para tanto, regras foram criadas, a fim de preservar a moral, ética e os bons costumes, sendo que tais regras podem sofrer mudanças adaptativas dependendo da sociedade onde elas estão inseridas definindo assim o que em cada sociedade é bom ou ruim ou o que é permitido ou condenável.

Para garantir o bom e “justo” funcionamento da sociedade foi criada a justiça e a ela foi dado poder hierárquico suficiente para dirimir dúvidas entre o que é certo e o que é errado segundo as regras sociais.

O que em uma sociedade é aceito ou elogiável, em outra pode ser totalmente rejeitado ou simplesmente ignorado, pelo simples fato de fazer ou não parte da cultura da sociedade em questão.

Portanto, para o homem viver em sociedade, ser valorizado, ele precisa, inicialmente, ser aceito por esta e agir segundo as leis e regras estabelecidas pela cultura na qual está inserido.

Segundo Werner (1999), no seu conceito de superioridade, o ser humano diferencia-se de outros animais por, normalmente, não aceitar o fato de ser egoísta. Ele é doutrinado social e religiosamente, desde o nascimento, para ser altruísta, caridoso, bondoso, não desejar o mal a ninguém, cultivar o amor fraterno e condenar qualquer ato que contradiga tudo isso. Não sobrevive se não puder “amar o seu semelhante como a ele mesmo”.

Para se dar bem socialmente o indivíduo precisa ser bom, ter compaixão, ser empático e solidário, enfim, precisa atender às regras sociais.

Todo indivíduo tem algum objetivo na vida, como casar, ter ou ser um bom marido ou esposa, constituir uma família feliz, ou simplesmente não se casar, viver só. Para tal, freqüentemente, se comporta de modo egoísta, em maior ou menor grau, consciente ou não, e procura diversas maneiras de alcançar seus objetivos a curto ou longo prazo, de forma polida ou ríspida, branda ou agressivamente.

Ele pode, com o decorrer do tempo, ajustar-se às necessidades e características do meio, porém sem esquecer-se do objetivo final anteriormente planejado. No entanto, não se pretende entrar no mérito da positividade ou

negatividade nem do objetivo, nem dos meios usados para alcançar o objetivo pretendido.

Certo grau de egoísmo é aceito ou tolerado pela sociedade como sendo um fato natural no ciclo de vida, sendo sua existência calcada, simplesmente, na necessidade individual de sobrevivência pessoal.

Os comportamentos egoísticos também fazem parte do caráter do indivíduo.

Caráter é o resultado da interação entre os fatores internos (pulsões) e externos (meio ambiente) que estão presentes durante a incorporação das experiências pelas quais passa cada indivíduo durante as etapas do desenvolvimento emocional.

As etapas do desenvolvimento psico-emocional definidas por Reich (1998) são cinco (ocular, oral, anal, fálica e genital), sendo que a primeira inicia-se com a concepção e a última termina na adolescência. As etapas são particulares a cada indivíduo, representam momentos de passagem que possibilitam a incorporação de experiências vividas e estão encadeadas entre si.

Para Reich (1998), os tipos de caráter são determinados por inúmeros fatores, sendo um deles a cronicidade da frustração e outro em qual etapa do desenvolvimento do indivíduo ela ocorreu. A perpetuação do embate entre as exigências externas que vão de encontro às próprias pulsões do indivíduo que se defende para se manter vivo, deixa “marcas” tanto na *psique* quando no corpo. A essa “marca” – normalmente caracterizada na forma de tensões musculares - ele chamou de couraça.

Se as “marcas” mais significativas ocorreram durante a fase oral (REICH, 1998) ou de incorporação (VOLPI & VOLPI, 2002) estabelece-se um traço de caráter do tipo oral; se ocorreu durante a fase fálica (REICH, 1998) ou de identificação (VOLPI & VOLPI, 2002), tem-se a instauração de um traço de caráter do tipo fálico-narcisista.

Cada um dos dois apresenta um dinamismo básico de funcionamento, sendo no oral a dependência e no narcisista o poder.

Segundo Navarro (1995) os indivíduos cujo traço de caráter predominante é o oral são muito dependentes do outro e por essa razão, para eles, é inimaginável viver sem a presença de alguém por perto, já que carregam em si uma sensação de vazio.

Devido à sua baixa energia eles precisam do outro para fazer ou ajudá-los a fazer o que eles querem. Estar com alguém por perto para poder usufruir das benesses da companhia é vital para qualquer indivíduo, sendo que para o de caráter oral é imprescindível.

Pessoas “orais” estão constantemente carentes de afeto, da companhia, do outro. São aquelas pessoas que facilmente começam algum projeto e logo depois desistem por se acharem incapazes de findá-lo, ou nem iniciam a empreitada prevendo que será muito trabalhoso realizá-la, por se sentirem incapazes.

Por outro lado quando não desistem, apelam para o outro, seduzindo-o para que ele ajude, quem sabe até fazendo a maior parte do serviço, ou ainda que termine o que foi começado esperando que ele (o oral) seja o maior agraciado com os louros da vitória.

Por esses motivos, podemos argumentar que, os indivíduos com traços orais mais acentuados apresentam comportamentos egoísticos de uma forma mais branda, mais tranqüila ou não tão explícita.

Por outro lado, para Navarro (1995), os indivíduos com traço de caráter narcisista predominante na sua busca constante pelo poder, pela necessidade de mostrar-se superior aos demais, perderam, ao longo de seu desenvolvimento, o contato com seus próprios sentimentos e tem pouca ou nenhuma compaixão.

Difícilmente eles conseguem se relacionar afetivamente, normalmente o pouco sentimento demonstrado é para tirarem proveito sem muito se importarem com o dano que isso poderá acarretar ao outro.

Dessa forma podemos argumentar que os indivíduos com traço de caráter narcisista demonstram comportamentos egoísticos de uma forma mais severa ou agressiva.

Têm-se, então, dois traços de caráter bastante distintos onde um é carente e dependente – oral – e o outro demonstra ser auto-suficiente e acredita que os outros é que dependem dele – narcisista - cada um apresentando comportamentos egoísticos distintos, mas sempre com vista à sua própria sobrevivência.

Porém sabendo que cada indivíduo se expressa de forma distinta baseado em toda sua experiência anteriormente adquirida, assim também o faz quando expressa seu egoísmo.

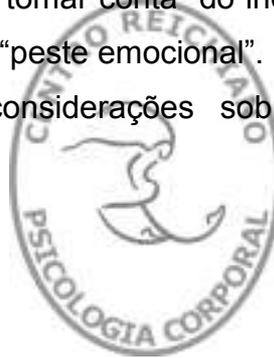
Tendo em vista que a proposta desse trabalho monográfico é discorrer sobre a correlação existente entre os traços de caráter oral e narcisista com as diversas formas com as quais os indivíduos expressam o egoísmo. Precisamos, primeiramente, versar sobre as formas de expressão do egoísmo e as etapas do desenvolvimento emocional.

A classificação das formas de expressão do egoísmo foi objetivo de uma pesquisa realizada por acadêmicos do curso de psicologia de uma universidade particular da cidade de Curitiba.

No próximo capítulo elucidaremos sobre o egoísmo e suas formas de expressão. A seguir abordaremos as etapas do desenvolvimento emocional, em que períodos elas ocorrem, e veremos uma descrição resumida de cada uma das etapas e suas características.

Isto posto vamos nos ater um pouco mais sobre o caráter oral e o narcisista, como eles expressam seus comportamentos egoísticos e ainda se tais comportamentos podem “tomar conta” do indivíduo atingindo o *status* de o que Reich (1998) chamou de “peste emocional”.

E por fim nossas considerações sobre o assunto motivo dessa monografia.



## 2. SOBRE O EGOÍSMO

Vários teóricos de uma forma ou de outra definem os comportamentos egoísticos, quer seja denominando-os como egoísmo ou cooperativismo, por vezes buscando bases biológicas para justificar tais atitudes – às quais se pode dizer que são inconscientes. Talvez não possamos afirmar que um animal tenha um comportamento egoístico, nem comparar esse comportamento ao de um ser humano. No entanto, para uma melhor ilustração do fato, podemos tomar como exemplo, de uma forma bastante simples, sobre um peixe grande quando se posta próximo a um recife de coral enquanto vários peixes menores fazem uma “limpeza” em sua pele alimentando-se dos parasitas aderidos a ela, pode não ter consciência de sua atitude, porém se não fizer isso morre devido à quantidade de parasitas.

Por um lado pode-se pensar que o mesmo está sendo egoísta porque só vai até este local quando sente que a quantidade de parasitas grudados à sua pele está prejudicando sua saúde. Por outro lado pode-se hipotetizar esse comportamento como sendo uma forma de cooperativismo, porque ele pára ali para alimentar os peixes menores e em contra partida “ganha” uma “limpeza de pele”.

Porém quer seja simplesmente pelo comportamento aprendido pela cultura e educação, tendo componente genético ou não, os comportamentos egoísticos, aliados a outros, como raiva e ciúme, tem como objetivo principal a sobrevivência do indivíduo, e por isso mesmo são, em certo grau, tolerados e aceitos socialmente.

A combinação entre os vários comportamentos aceitos entre os membros de uma mesma sociedade, as regras criadas para que as diferentes sociedades se relacionem e a capacidade de resiliência dos indivíduos faz com que eles sobrevivam onde quer que estejam.

Stirner (2006) diz que egoísmo dá-se somente quando as pretensas à falsa autoridade de tais conceitos e instituições são revelados e que aí sim, a verdadeira ação, poder e identidade dos indivíduos podem emergir. A realização pessoal de cada indivíduo se encontra no desejo de cada um em satisfazer seu egoísmo, seja por instinto, sem saber, sem vontade - ou conscientemente, plenamente a par de seus próprios interesses. A única

diferença entre os dois egoístas – consciente ou inconsciente - é que o segundo estará possesso por uma idéia vazia, na esperança de que sua idéia o torne feliz. Já o primeiro, pelo contrário, será capaz de escolher livremente os meios de seu egoísmo e perceber-se enquanto fazendo tal. Somente quando o indivíduo percebe que lei, direito, moralidade, religião, etc., são nada mais que conceitos artificiais - definidos pela própria sociedade onde ele vive e mutáveis, quer seja pela cultura quer seja pela “evolução” social, - e não autoridades sagradas a serem obedecidas - é que poderá agir livremente.

Werner (1999) por sua vez, prefere o termo cooperação ao invés de egoísmo, sem se preocupar se as atitudes são cientes ou não, e enumera quatro princípios cujas definições apresentadas resumidamente são:

1. Simbiose ou mutualismo: ocorre quando há recebimento de um ganho para ambas as partes através do vínculo. Na realidade o que ocorre é um esforço ou um trabalho conjunto visando um objetivo em comum;
2. Altruísmo: viria a ser derivado do egoísmo genético, pois a perpetuação do gene se processa através de atos que beneficiem os consangüíneos, muitas vezes através da manipulação de sentimentos ou de uma promessa futura de um bem;
3. Reciprocidade: é a troca de favores em que se consegue algo com a união, o velho jargão a união faz a força. Para evitar as trapaças forja-se uma série de artifícios de detecção;
4. Parasitismo/exploração: ocorre através dos mecanismos de dominância e submissão, já que cada indivíduo é diferente do outro. Formam-se as hierarquias de dominação, em que o mais fraco precisa executar determinados serviços para o dominador e esse por sua vez para perpetuar a exploração *ad aeternum* concede alguma regalia ao dominado.

Para Fehr (2005) o ser humano é o único animal que estende o auxílio, a ajuda a outros elementos que não sejam participantes de sua família nuclear.

[...] – como biólogos sociais sugerem – as ações aparentemente feitas em benefício alheio são na realidade motivadas por cálculos econômicos disfarçados e pelo egoísmo, de olho no que pode acontecer a longo prazo? Algumas questões fundamentais sobre nosso início evolutivo, relações sociais e origens da sociedade estão

centradas no tema do altruísmo e egoísmo. Experiências recentes mostram que as atuais teorias evolucionistas baseadas na genética não conseguem explicar padrões importantes do altruísmo humano, apontando para a importância das teorias tanto da evolução cultural quanto da co-evolução genes e cultura. (2005, p. 80)

Bowlby (1989) deu a essa luta pela sobrevivência o nome de apego. Afirma ele que já nascemos com a capacidade para nos apegar às outras pessoas, sendo útil para nossa espécie. Sua teoria do apego mostra que a base dos diversos tipos de apego é a mesma capacidade inata de criar vínculos com outra pessoa, como: amor materno, amor fraterno, amizade, amor romântico, etc. Notando essas peculiaridades pode-se comparar o apego da criança pela mãe com o apego de um amor romântico entre um casal – só que nesse caso existe desejo sexual recíproco, equilíbrio de poder e outros.

O apego foi classificado em três tipos para o cuidador - geralmente a mãe – sendo mais comum a apresentação de uma combinação dos estilos:

- No apego seguro, o indivíduo está confiante de que seus cuidadores estarão disponíveis para ajudá-lo quando ele se deparar com qualquer situação adversa. Isso faz com que ele tenha coragem para explorar o mundo. Este modelo é inserido nos primeiros anos através da disponibilidade sensível, principalmente da mãe, quando a criança procura por proteção.
- No apego ansioso-ambivalente, o indivíduo tem dúvidas da disponibilidade de seus cuidadores, por conta disso ele não se sente seguro em sair e explorar o mundo. Este modelo é promovido por cuidadores que nem sempre se mostram disponíveis e usam o abandono como forma de controle.
- No apego evitativo, o indivíduo não acredita na disponibilidade de seus cuidadores, acredita sim que ao procurar ajuda ou proteção será rejeitado e por conta disso procura viver sua vida sem se preocupar com os outros, demonstrando ser auto-suficiente.

Uma pesquisa realizada por acadêmicos de psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná, conduzida no ano de 2007, teve por objetivo investigar as formas de expressão do egoísmo nos relacionamentos amorosos. Como resultado chegou-se ao seguinte: indivíduos que se autodenominam egoístas têm poucas chances de sucesso em nossa sociedade, e, indivíduos que

aceitam a perda e o ganho como eventos naturais da vida apresentam um prognóstico melhor em seus relacionamentos. A pesquisa e o Trabalho de Conclusão de Curso a que ela deu origem podem ser encontrados na biblioteca da Universidade Tuiuti do Paraná com o nome de “Nosso amor egoísta”. Com base nos dados obtidos na pesquisa, os comportamentos egoísticos foram distribuídos em categorias conforme apresentados resumidamente a seguir: (Observamos que os nomes dados às formas de expressão do egoísmo é apenas para poder categorizá-los, e não uma definição *per se*)

- Credulus: É o indivíduo que visa à criação de uma imagem através da realização de uma série de “boas-ações” a qual usufruirá posteriormente em vida ou não.
- Ego Quidem: É consciente de suas ações e visa o retorno em curto prazo, toma atitudes que lhe dêem grande probabilidade de retorno ou vantagem. O fato de “perder” é aceito embora não sendo de seu agrado.
- Sociale Gradus: Costuma tirar partido de certas situações, aprovadas socialmente e/ou politicamente corretas em benefício próprio objetivando uma autopromoção e ascensão social.
- Optimas (combinação de Credulus + Ego Quidem): Consciente ou inconscientemente toma atitudes que possam ou não lhe dar um retorno, acreditando no retorno, mas não se preocupando muito com a demora do mesmo, aceitando a derrota com pouca frustração.
- Opportúnitas (combinação de Ego Quidem + Sociale Gradus): Costuma tirar partido de certas situações que lhe dêem retorno em curto prazo. Oportunamente utiliza-se do engodo consciente para ganhar, se necessário sacrifica os outros, sendo que seu principal objetivo é tirar vantagem.
- Politicus (combinação de Sociale Gradus + Credulus): Visa o bem estar do grupo e o seu próprio, adquirindo *status* social e poder. Acredita fazer o bem para os demais realizando “boas ações” para obter retorno certo, mesmo que a longo prazo.

Vemos nos comportamentos egoísticos uma característica de defesa, uma forma de o indivíduo manter-se vivo, ninguém consegue sobreviver no mundo se não for minimamente egoísta.

Os indivíduos extremamente egoístas utilizam-se de estratégias para o engodo, pois ninguém tolera uma pessoa que só quer que as coisas sejam favoráveis a ela.

Em contrapartida uma pessoa que não pensa em si própria, na sua preservação, também está fadada ao extermínio, ela precisa ao menos garantir seu lugar no mundo, por menor que seja.

Porém existem os casos em que o benfeitor, muitas vezes arriscando a sua própria vida, salva alguém totalmente desconhecido, sem que possa, supostamente, usufruir de qualquer benesse, ou seja, o altruísta.

Segundo Fehr (2005) existem correntes que entendem que o altruísmo seria uma adaptação negativa, isto é, “um descuido evolutivo”, pois o comportamento altruísta que foi útil em dado momento poderia se tornar prejudicial em situações diferentes.

Já que se vive em sociedade, certas atitudes não colaborativas são prejudiciais à coletividade e, portanto passíveis de punições.

Outras tendências dizem que a sociedade desenvolveu-se de forma “co-evolucionária”, isto é, mediante uma interação entre genes e cultura, logo as sociedades altruístas punem os egoístas até que eles passem a comportar-se de forma cooperativa, fazendo com que os indivíduos mais cooperantes tenham maior possibilidade de sobrevivência e, portanto de procriar.

Ou seja, o indivíduo precisa ser egoísticamente cooperativo para poder deixar herdeiros e conseguir atingir seus objetivos na sociedade, caso contrário estará fadado ao fracasso, à morte, à extinção de sua linhagem.

Meditando sobre as palavras de Dawkins (2001) podemos concluir que a curto ou a longo prazo, sempre existe um objetivo egoísta. Considerando como meme, o equivalente ao gene para a memória, isto é, a unidade de informação que passa de indivíduo a indivíduo, ou transmitida, armazenada em artefatos de saber, tais como livros:

[...] mesmo que olhemos para o lado escuro e assumamos que o homem é fundamentalmente egoísta, nossa capacidade consciente de previsão – nossa capacidade de simular o futuro na imaginação – poderia nos salvar dos piores excessos egoístas dos replicadores cegos. Pelo menos temos o equipamento mental para promover nossos interesses egoístas a longo prazo e não simplesmente aqueles a curto prazo. [...] Temos o poder de desafiar os genes egoístas de nosso nascimento e, se necessário, os memes egoístas de nossa doutrinação. Podemos até discutir maneiras de cultivar e estimular o altruísmo puro e desinteressado – o que não ocorre na Natureza e que nunca existiu antes em toda história do mundo.

Somos construídos como máquinas gênicas e cultivados como máquinas mêmicas, mas temos o poder de nos revoltarmos contra nossos criadores. Somente nós, na Terra, podemos nos rebelar contra a tirania dos replicadores egoístas. (2001, p. 222)

Pode-se ver em todos os tipos de comportamentos egoísticos definidos anteriormente a utilização de estratégias para sua própria sobrevivência, em uns o comportamento egoístico manifesta-se de forma mais declarada em outros de forma mais velada.

Didaticamente podemos então dividir os seis tipos de comportamentos egoísticos apresentados na pesquisa realizada em dois grupos, sendo que os tipos *credulus*, *optimas* e *ego quidem* pertenceriam ao grupo com egoísmo oral e os tipos *opportunitas*, *socialis gradus* e *politicus* ao grupo com egoísmo narcisista.

No grupo com egoísmo oral estariam contempladas as formas mais “suaves” de egoísmo, ou seja, aqueles indivíduos que parecem ainda ter respeito pelo outro, que ganha, mas que também perde, enfim, não tem como objetivo único tirar vantagem de todas as situações que se envolve ou pelo menos o ganho não se mostra tão aparente.

No grupo com egoísmo narcisista apresentam-se as formas mais “bárbaras” de egoísmo, os indivíduos que somente entram em qualquer negócio pensando em ganhar, lucrar o mínimo que seja. Para estes, o ganho compõe o objetivo final, a opção perder ou ser lesado não é contemplada, e quando isso acontece é porque foi planejado anteriormente visando o lucro certo em uma ação posterior.

### 3. SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO CARÁTER

Todo indivíduo passa por várias “etapas de desenvolvimento” que para a psicologia corporal são cinco: ocular, oral, anal, fálica e genital.

Cada uma dessas etapas tem suas características, comprometimentos e responsabilidades, a esse rol podemos incluir os comportamentos egoísticos, que, como todas as outras características, podem ser fixados caso haja efetividade na sua expressão, ou seja, demonstraram ser eficazes para a sobrevivência do indivíduo.

Antes de nascer a criança vivia em um pequeno mundo seu, líquido e protegido – o útero, suscetível apenas às experiências vividas pela sua mãe agora gestante.

Após o parto a criança adentra em um mundo totalmente desconhecido e espera que esse mundo, repleto de alternativas e perigos, a acolha, ela deseja integrar-se a ele, bem como consigo mesma. Cabe aos pais a responsabilidade do desenvolvimento sadio dessa criança. Para que isso aconteça basta que lhe dêem um espaço para que ocupe e não um personagem ao qual ela precise se encaixar, sendo que assim a criança poderá crescer, aprender e se desenvolver de forma saudável (VOLPI & VOLPI, 2002).

Porém, por vezes esta criança, que agora está crescendo e descobrindo esse novo mundo à sua volta, encontrará adversidades e, obrigatoriamente, precisará lidar com elas, com ou sem a ajuda de seus cuidadores.

Desde a concepção até a adolescência, a criança passa por várias “etapas de desenvolvimento”, onde, em cada uma delas será influenciada por diferentes movimentos internos e externos.

Os movimentos internos referem-se às pulsões de cada indivíduo, suas necessidades, suas emoções e como são expressas (REICH, 1998).

Já os movimentos externos referem-se às informações e estímulos que o indivíduo recebe do meio ambiente onde vive, ou seja, a sociedade com suas características, leis, justiça, religião, e etc.

Os movimentos internos esculpem nosso temperamento e a interação desses com os movimentos externos esculpem nosso caráter.

Conforme indica Navarro (1995), antes de falarmos de caráter é preciso diferenciá-lo de temperamento para não correremos o risco de confundi-los uma vez que são dinâmicas bastante diferentes. O temperamento estrutura-se durante a vida intrauterina do indivíduo, compõe-se de suas particularidades morfológicas e fisiológicas, e está, portanto, ligado às bases congênitas, sendo que ao nascer cada pessoa tem seu próprio temperamento, que durante o período neonatal mostra-se através das atitudes reativas do bebê.

O desmame força o funcionamento da neuromuscularidade, e junto com ela a formação da caracterialidade, que é demonstrada através da intencionalidade, ou seja, a criança deixa de ter somente necessidades, como comer e dormir, e passa a expressar suas vontades, seus desejos, e não por acaso ela adquire uma maior capacidade de mobilidade (engatinhar e andar) como também começa a pronunciar-se através da fala.

Quando esse desenvolvimento torna-se maduro temos então o caráter, externado socialmente pelo comportamento.

Caráter é a maneira habitual de agir e reagir de um indivíduo por intermédio do seu comportamento. Comportamento é a expressão de uma atividade neuromuscular. Personalidade é a soma dos efeitos do temperamento e da caracterialidade. O temperamento tem necessidades e a caracterialidade tem desejos (VOLPI & VOLPI, 2003, p. 121).

Conforme Lipton (2007) ao observar a clonagem de células, em um ambiente saudável elas se tornam mais resistentes, em contra partida em meios não tão favoráveis ou deficitários elas enfraquecem, porém se o ambiente voltar a ser propício as células se revitalizam.

Disso tem-se que, para o desenvolvimento de um caráter, sempre devem ser considerados os dois fatores: o genético e o meio ambiente.

Muito embora essa dependência para o desenvolvimento não seja assim tão simples ou cinquenta por cento para cada fator, isso dependerá da característica que está sendo analisada, em determinadas situações o fator genético é preponderante e em outras o meio ambiente dita as regras, mas durante todo o ciclo vital os dois fatores estarão contribuindo para o desenvolvimento do indivíduo.

Os genes por si só não determinam a vida, nem tampouco o ambiente, mas há sempre uma equação multivariável entre os dois. (LIPTON, 2007)

Em cada etapa de desenvolvimento atuarão em conjunto, meio e genética – definindo assim os traços de caráter daquela respectiva fase, que dependendo dos estímulos – internos e externos – estabelecerão quais características concernentes àquele traço de caráter serão mais evidentes e quais serão mais sutis ou ainda inexistentes.

Vale lembrar que para que esse ou aquele traço de caráter se estabeleça não basta somente a existência ou não de um estímulo ou frustração, mas sim a frequência e intensidade com que ocorre de forma a atingir o limiar da criança.

Segundo Volpi (2004a) outras situações como a natureza dos impulsos geradores da frustração, as concessões seguidas por frustrações sem motivos, o gênero da principal pessoa frustradora e as contradições nas frustrações, findam por formar registros significativos que comprometem o desenvolvimento psico-afetivo, influenciando significativamente na composição da estrutura de caráter.

O conjunto e sobreposição dos traços de caráter culminam por “dar forma” ao indivíduo. Portanto é muito difícil, praticamente impossível, encontrar-se uma pessoa “pura”, ou seja, caráter oral puro ou narcisista puro.

Comumente encontra-se o indivíduo que apresenta traços desse e daquele caráter, algumas nuances podem estar mais proeminentes, sendo, portanto, pouco provável encontrarmos duas pessoas caracteriologicamente iguais em função da quantidade de combinações de traços de caráter que podem existir e também devido às influências do meio onde cada pessoa vive.

Escreve Volpi & Volpi (2003a) que Reich após pesquisar e buscar compreender como o homem se insere na natureza, concluiu que esse mesmo homem faz parte da natureza e pode ser visto como uma forma de expressão da energia que ele chamou de orgone - uma energia primária, original, universal, pulsátil e excitável, que está presente em todos os seres vivos e também nos “inanimados”, de forma latente ou não, em quantidade, concentração e intensidades variáveis, e que no ser humano está relacionada à libido, manifestada através da sexualidade e das emoções.

Reich (1998) diz que toda e qualquer reação do indivíduo denotada pelo embate entre as exigências pulsoniais e o meio externo tolhedor é uma atitude de defesa e que sem ela o indivíduo não sobrevive ao meio encarado por ele como ameaçador.

À cristalização dessa atitude defensiva que se dá com o decorrer do tempo devido às reações que o indivíduo apresenta perante as solicitações do mundo exterior às custas do seu próprio eu numa atitude até desesperada de sobrevivência ele chamou de couraça.

A couraça é expressa no corpo normalmente através de uma contratura ou tensão muscular, e onde há tensão obrigatoriamente há um bloqueio da energia orgone, conseqüentemente há também certo nível de comprometimento estabelecido o qual vai depender da intensidade da couraça que é diretamente proporcional à cronicidade da frustração.

Reich, ao tratar de seus clientes, observou a rigidez muscular de alguns deles e as transformações ocorridas quando alguma resistência era transposta, facilmente então ele pode ver a relação existente entre a tensão muscular e a resistência psíquica (NAVARRO, 1995).

Por essa afirmação podemos concluir que a toda couraça muscular corresponde uma couraça psíquica, elas se estabelecem devido às atitudes defensivas do indivíduo perante suas frustrações, a couraça muscular é a reação do corpo perante a emoção do indivíduo frente à frustração.

A couraça é inscrita na memória intelectual – na mente – e sensorial – no corpo. Mente e corpo interagem direta e constantemente entre si, a mente se ocupa do intelecto, o corpo guarda as emoções sendo, portanto, moldado por elas (VOLPI, 2004). Advém daí as diferentes posturas, modelos corporais e formas de ser, agir e reagir no mundo, os quais foram inicialmente estudados por Reich (1998) e por ele definidos de caráter.

Reich (1998) constatou que não só o cérebro aprende, mas o corpo também o faz a partir do que sente. A couraça muscular está associada às etapas de desenvolvimento e afetam os grupos musculares pertinentes a cada uma das etapas.

Com isso Reich (1998) mapeou o corpo em sete níveis de couraça.

São eles:

1º nível: ouvidos, olhos, nariz, pele e sistema nervoso central;

2º nível: boca;

3º nível: pescoço;

4º nível: tórax;

5º nível: diafragma;

6º nível: abdômen; e

7º nível: pélvis.

O bloqueio da circulação energética em um ou mais níveis provoca uma condição caracterial específica, portanto, como todos os indivíduos passam por diferentes situações frustradoras durante as etapas de desenvolvimento psico-afetivo, faz-se justo falarmos de traços de caráter, porque um mesmo indivíduo pode apresentar mais de um comprometimento e em etapas diferentes.

O que está no cérebro é expresso em palavras e essas podem ser medidas ou ainda não ditas, mas o corpo existe independente do verbo, e, as marcas nele também são visíveis. Conforme Navarro (1995a) “eu expresso meu corpo, meu corpo me expressa” (p. 19), ou seja, o corpo fala por si, não esconde, não mente.

O corpo, “conta” a história pessoal de cada indivíduo, manifesta a personalidade que foi moldada pelo tempo criando padrões físicos cujo conteúdo é a dor e o medo (VOLPI, 2005a).

Cérebro e corpo se influenciam mutuamente e alteram o comportamento do indivíduo que é externalizado através de gestos, posturas, trejeitos, tom de voz, expressões, enfim, transformam fisicamente cada indivíduo, o que fez com que Reich acreditasse mais na sua visão do que na sua audição, “lendo” no corpo os conflitos psíquicos de seus clientes, pois eles exprimem o caráter, o modo de viver e de amar de cada um (NAVARRO, 1995a).

O corpo guarda o registro de todas as experiências vividas, e quanto mais nova for a criança a sofrer esse registro, mais profundo e irreversível será tal registro devido à precariedade das formas de defesa desenvolvidas pela criança (VOLPI, 2004).

Contudo, afirma Volpi (2004), não se pode afirmar categoricamente que todas as crianças que passam pelas mesmas situações desenvolverão o mesmo traço de caráter, pois as variáveis envolvidas para a instalação deste ou daquele traço de caráter são muitas, como, por exemplo, o momento em que ocorre a frustração, intensidade e qualidade da frustração, entre outros.

Continua Volpi (2004) dizendo que se deve ainda levar em consideração que cada indivíduo é único e tem suas particularidades que também participam para a instalação do traço de caráter, como resistência à frustração, resiliência e outros.

De um modo geral um corpo sadio deve ser harmônico, alinhado, ou seja, com a cabeça apoiada sobre os ombros, o tórax adaptado, encaixado ao

abdome, pernas e pés posicionados sob o corpo dando a impressão de que conseguem suportar o tronco, sendo possível, desta forma, traçar uma linha imaginária na lateral do corpo iniciando-se no topo da cabeça, passando pelo meio da orelha, seguindo em direção ao meio do maléolo passando pelo meio do ombro, pelo meio da junta do quadril e pelo meio da junta do joelho (VOLPI, 2005a), com os braços estendidos na lateral do corpo, o dedo médio estará naturalmente posicionado no meio da coxa junto a essa linha imaginária.

Alguns desvios nesta postura podem indicar certo comprometimento em alguma das etapas de desenvolvimento. Por exemplo, se o corpo está curvado para frente pode indicar sobrecarga ou masoquismo (VOLPI, 2005a), se o corpo estiver curvado para trás pode indicar rigidez, ambas as curvaturas são características da etapa anal (REICH, 1998).

Desta forma vê-se que todas as partes do corpo carregam em si seu significado e expressividade. Exemplificando: os pés denotam o contato com a realidade; os joelhos a capacidade de entrega; a pelve, sexualidade; o abdome representa o inconsciente; o tórax expressa a individualidade e o pescoço a conexão entre razão e emoção (VOLPI, 2005a).

Porém não só a forma do corpo “conta” sobre a história do indivíduo, mas a forma com que cada um “atua” no mundo também relata sobre o caráter. Para exemplificar pode-se dizer que: a respiração contida suprime as emoções e pouca articulação das palavras pode indicar agressividade reprimida (VOLPI, 2005a).

E assim pode-se fazer uma correlação do corpo como um todo, sua forma, conteúdo, órgãos internos, sintomas, expressividade e doenças desenvolvidas denotam a história de vida de cada um, informando ao psicoterapeuta corporal em que etapa do desenvolvimento ocorreu o encouraçamento.

Reich (1987) deu mais atenção ao corpo do que à fala, ligou o discurso com a expressão corporal e ainda em suas pesquisas buscou entender

como é que os bebês, essas inocentes criaturas, fonte de prazer, sem maldades, transformam-se em pessoas inseguras, voltadas para si mesmas, incapazes de viver em harmonia, com ambições de se tornarem ricas e famosas. Anjos no momento do nascimento, ao final, almas perdidas. Como que os seres humanos falham em perceber que fazem parte da natureza e que deveriam cooperar com ela? Está comprovado que o organismo que funciona de acordo com a natureza não apresenta biopatias (p. 5).

De um modo geral, o encouraçamento faz com que o ser humano perca o contato tanto com a natureza – da qual ele faz parte –, quanto consigo mesmo e com os demais seres vivos, com conseqüente bloqueio do livre fluxo de energia orgone em seu corpo, limitando dessa forma sua capacidade de autorregulação (VOLPI & VOLPI, 2003a).

A quantidade e distribuição da energia orgone também denota o traço de caráter bem como a forma com que o indivíduo irá responder às biopatias, ou seja, que condições ele terá, se é que terá, para se recuperar de uma doença.

As biopatias que o indivíduo pode vir a desenvolver também estão associadas à etapa de desenvolvimento e por conseqüencia ao seu tipo de caráter.

A seguir relatamos resumidamente cada uma das etapas de desenvolvimento psico-afetivo:

### 3.1. ETAPA OCULAR

Reich (1998) chamou de etapa ocular e Volpi & Volpi (2002) nominou-a de etapa de sustentação.

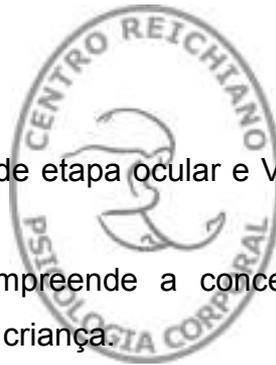
É o período que compreende a concepção, gestação, parto e os primeiros dez dias de vida da criança.

Durante a vida intrauterina a mãe tem a responsabilidade de nutrir o bebê emocional e energeticamente, oferecendo-lhe inicialmente um útero receptivo, acolhedor e pulsante para a implantação do óvulo e posteriormente uma gestação suficientemente boa para o seu desenvolvimento.

Enquanto gestante qualquer estímulo que a mãe perceber como ameaçador ou estressante será transmitido igualmente para o feto, podendo interferir no seu desenvolvimento energético e biológico.

No período prénatal o feto está sujeito a duas energias: uma chamada de endógena que é a energia da própria célula originária do feto e outra denominada de trofo-umbilical que é a passada da mãe para o bebê através do cordão umbilical.

As situações estressantes nesta etapa afetam as funções vinculadas ao primeiro nível reichiano que envolve o sistema nervoso central, os olhos, as orelhas, o nariz e a pele.



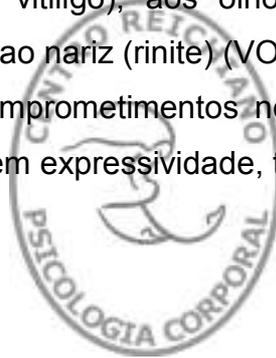
Um comprometimento severo nesta etapa de desenvolvimento dá origem ao estabelecimento do tipo de caráter esquizóide (REICH, 1998) ou núcleo psicótico (NAVARRO, 1995), e está associado à falta de contato e/ou rejeição da mãe para com o bebê durante a gestação e início da amamentação.

Nesses indivíduos a energia é hipoorgonótica desorgonótica, ou seja, têm pouca energia e está mal distribuída pelo seu corpo - está mais concentrada na cabeça (VOLPI, 2008), sua condição energética, portanto, é baixa.

A condição psicopatológica predominante é a melancolia – queixa constante de “vazio” (NAVARRO, 2002); são pessoas com tendência a comportamentos de esquiva, ao isolamento, normalmente agressivas e ansiosas.

As biopatias associadas referem-se ao sistema nervoso (anorexia, epilepsia), à pele (alergias, vitiligo), aos olhos (miopia, astigmatismo), às orelhas (surdez, labirintite), e ao nariz (rinite) (VOLPI, 2005).

Os indivíduos com comprometimentos nessa etapa costumam ter um corpo esguio, olhos fundos sem expressividade, tórax flácido e diafragma rígido (VOLPI, 2008).



### 3.1. ETAPA ORAL

Reich (1998) denominou-a de oral e Volpi & Volpi (2002) de etapa de incorporação.

Período que compreende a amamentação e o desmame – inicia-se a partir dos dez dias após o nascimento e vai até aproximadamente o nono mês de vida.

Nesta fase o melhor que pode acontecer ao bebê é a disponibilidade de seus cuidadores, dando-lhe atenção, proteção e liberdade para explorar e conhecer o mundo onde agora habita – ao que se pode chamar de maternagem.

O bebê consegue expressar suas necessidades, como sono, fome ou quando está “sujo” através de choro, irritação ou desconforto, para acalotá-lo basta que sua necessidade seja resolvida no momento que ele a expressa e não quando o adulto acredita ser-lhe conveniente.

Toda essa dedicação resultará em uma sensação de segurança no bebê para afastar-se da mãe, paulatinamente ele percebe que não faz parte dela e sentir-se-á confiante para explorar seu pequeno mundo, ampliando cada vez mais os horizontes a serem desvendados.

Por outro lado, uma amamentação deficitária acarreta o estabelecimento do tipo de caráter oral (REICH, 1998) ou *borderline* (NAVARRO, 1995), e determina a má distribuição de energia pelo corpo do bebê (desorgonia) que por sua vez está mais concentrada na boca (VOLPI, 2008).

As condições psicopatológicas predominantes são a depressividade e o medo da perda (NAVARRO, 2002). Perda de seu amor (a mãe) e do seio que o alimenta trazendo consigo uma tendência a estados depressivos.

As biopatias associadas normalmente estão ligadas à boca - bruxismo, bulimia, obesidade (VOLPI, 2005).

Os indivíduos com comprometimentos nessa etapa costumam ter um corpo magro ou obeso com tensão no maxilar e tórax “baixo” (VOLPI, 2008).

### 3.3. ETAPA ANAL

Definida por Reich (1998) como etapa anal ou de produção para Volpi & Volpi (2002) por estar associada ao aprendizado do controle dos esfíncteres, cujo período inicia-se com o desmame e vai até o terceiro ano de vida, onde, pelo menos até os dois anos a criança não deve ser punida pela falta de controle esfinteriano, mas sim educada de forma natural e saudável.

É nessa etapa que a criança aos poucos se descobre completamente independente de seus cuidadores, começa a formar sua identidade e tomar conhecimento de sua autonomia.

Muito importante nesse momento o estabelecimento natural dos limites, que também são necessários para o desenvolvimento sadio da criança – ela os pede. Os limites informados de forma natural e amorosa propiciam um desenvolvimento saudável, já uma educação repressora e/ou calcada em moralismos carrega junto de si o sentimento de culpa.

O bloqueio na etapa anal estabelece o tipo de caráter masoquista ou obsessivo-compulsivo (REICH, 1998) ou psiconeurótico (NAVARRO, 1995).

Esses indivíduos têm muita energia e está distribuída de forma desorganizada pelo corpo (hiperorgonia desorgonia), e está mais concentrada no pescoço e no diafragma (VOLPI, 2008).

O masoquista tem como comportamentos básicos a lamentação e o sofrimento; o obsessivo-compulsivo a ordem e a limpeza, mas de um modo geral a condição psicopatológica predominante é o medo da punição e da castração.

As biopatias estão associadas ao pescoço (torcicolo e problemas na tireóide), ao estômago, baço, pâncreas, intestinos (grosso e delgado) e rins (VOLPI, 2005).

Os indivíduos com comprometimentos nessa etapa costumam ter um corpo duro, tenso, principalmente com tensão nos ombros e pescoço parecendo estar suspenso (VOLPI, 2008).

#### 3.4. ETAPA FÁLICA

Para Reich (1998) fálica ou de identificação para Volpi & Volpi (2002), que vai do quarto ao quinto ano de vida e está associada à descoberta dos genitais.

Nessa etapa a criança descobre que existe uma diferença entre meninos e meninas, inicia-se também a manipulação prazerosa dos genitais com intuítos sexuais, mas sem conhecimento sobre o sexo carnal, daí os questionamentos aos adultos – que devem ser vistos com naturalidade e não repreendidos.

A criança agora tem alta carga energética (hiperorgonia) e a energia está mais concentrada no pescoço, no peito e na pelve (VOLPI, 2008).

Deficiências nesta etapa propiciam o estabelecimento do tipo de caráter fálico-narcisista ou histérico (REICH, 1998) ou neurótico (NAVARRO, 1995) e estão associados à repressão da expressividade da sexualidade.

O fálico-narcisista tem como comportamento básico o poder e o histérico a sedução, mas de um modo geral a condição psicopatológica predominante é o medo da castração e do fracasso.

As biopatias estão associadas ao coração, ao pulmão e a problemas sexuais (vaginismo, ejaculação precoce) e do sistema genito-urinário (VOLPI, 2005).

Os indivíduos com comprometimentos nessa etapa têm um corpo atlético, com bom tônus muscular, pescoço tenso e tórax inflado (VOLPI, 2008).

### 3.5. ETAPA GENITAL

Se o indivíduo chegar à etapa genital (REICH, 1998; NAVARRO, 1995) ou da formação do caráter (VOLPI & VOLPI, 2002) – que se inicia ao final do quinto ano de vida e se estende até a puberdade – sem comprometimento em nenhuma das etapas anteriores tem-se o caráter genital, considerado por Reich (1998) como o caráter ideal, equilibrado, maduro e autorregulado, com quantidade de energia correta e bem distribuída em seu corpo (orgonótica), e que, segundo Navarro (1995) tem a capacidade de expressar sua livre pulsação e por isso mesmo difícil de ser encontrado, acredita ele que na sociedade moderna não exista, e que somente pode ser encontrado em indivíduos que nunca tiveram contato com a civilização. Uma sociedade civilizada é uma sociedade ansiosa e a ansiedade traz junto consigo as corações.

Todos os outros tipos de caráter podem sim ter momentos de genitalidade ou ainda traços do caráter genital, mas, mesmo “trabalhados” é praticamente impossível ter-se a transformação de um outro tipo de caráter em genital.

O que normalmente acontece ao indivíduo é que, qualquer que seja o traço de caráter que predomine, após terapeutado, o livre fluxo da energia orgone é reativado, ela volta a pulsar livremente readquirindo o movimento de expansão e contração, com isso tem-se uma pessoa com melhores condições de autorregulação, com capacidade de ter mais momentos de genitalidade e de entrega, sem medo de se expressar e de enfrentar seus limites, enfim, um sujeito melhor para si e para a sociedade.

Esse é justamente o objetivo das psicoterapias corporais, integrar corpo e mente de forma saudável, pensando no indivíduo sem esquecer da sociedade. Mas já que essa, ao que tudo indica, transformou-se e tornou-se um tanto quanto difícil de ser “curada”, e isso muito se deve à competitividade, ao individualismo e ao egoísmo, quem sabe as gerações futuras serão mais orgonóticas.

Muito embora, devido a essa cegueira instalada nem o indivíduo, nem a sociedade enxergam que

o destino da raça humana dependerá das estruturas de caráter das 'Crianças do Futuro', elas terão que colocar em ordem esta confusão do século XX. Isto concerne a nós, que vivemos hoje no meio desta confusão (REICH, 1987, p. 7).

Ou seja, cabe sim aos cuidadores cuidar e educar essas crianças, sempre se preocupando com uma educação saudável e livre das frustrações crônicas.

Pois bem, vimos até aqui uma descrição resumida de todas as etapas do desenvolvimento, nos ateremos a seguir aos dois traços de caráter motivos desse nosso trabalho.



#### 4. CARÁTER ORAL

Esse traço de caráter pode se estabelecer na criança durante a etapa oral (Reich 1998) de desenvolvimento que compreende a amamentação e o desmame, ou seja, a partir dos dez dias após o nascimento até aproximadamente o nono mês de vida.

Para Baker (1980) e Navarro (1995), o contato corporal e visual com a mãe durante todo o período de amamentação é de fundamental importância, pois é por meio dela que se dá a passagem de anticorpos, taurina, ácidos graxos e de todos os ingredientes contidos no leite materno, vitais para o desenvolvimento e crescimento do bebê.

Afirmam ainda que a amamentação deve ser exclusiva até o surgimento da dentição, o que ocorre por volta do sexto mês, para só então iniciar o desmame gradual que se completará em torno do nono mês. Sendo que, e principalmente durante esse período, é relevante a importância da mãe estar disponível e presente tendo com o bebê um bom contato visual e corporal para o desenvolvimento sadio do infante.

A boca é a primeira zona erógena responsável por convulsões orgásticas, ou seja, é o estágio oral o único estágio libidinal pré-genital natural.

É através do contato da boca com o seio materno durante a amamentação que a excitação do bebê atinge seu ponto culminante que deve ser corroborado pela mãe receptiva, carinhosa, aconchegante, com braços e mãos acolhedores, e com o bico do seio ereto e vibrante, aguardando excitado o contato daquele pequeno ser que até então habitava suas entranhas.

Escreveu Baker (1980) sobre o orgasmo oral:

No final da mamada é comum notar-se um tremor nos lábios do bebê. Estes tremores difundem-se pela face, acabando depois em delicados movimentos convulsivos da cabeça e garganta, às vezes até o corpo todo. Os olhos reviram-se para dentro das pálpebras e o bebê se entrega completamente a esta rendição de prazer. (p.281)

Porém segundo Baker (1980), se a mãe se sentir culpada ao perceber estas manifestações prazerosas como incestuosas, mudará de postura durante a amamentação, rompendo o vínculo existente, acarretando no bebê uma resposta corporal que se manifesta em uma contração no diafragma e tórax

que pode ser percebida por uma respiração curta, com conseqüente redução das sensações e, inconscientemente, no bloqueio das emoções.

Enfim, a repressão nesta fase ocorre basicamente pela privação, dada pela insuficiência de leite materno, pela ausência de contato provocado pela mãe durante a amamentação ou ainda pela ansiedade em findar o momento da mamada que a mãe expressa quando se sente culpada devido aos sentimentos que ela considera “indevidos”.

A respiração incompleta – que também pode ser conseqüência de momentos onde a ansiedade assume o controle do indivíduo – causa a má oxigenação do corpo como um todo, acarretando na inibição das emoções e precárias trocas gasosas. Daí podemos concluir que o indivíduo que não respira corretamente, tem diminuída sua capacidade de sentir suas próprias emoções.

Afirma Navarro (1995) que o estágio oral deficitário, se fixará no temperamento e perpetuará uma fragilidade à emoção da perda, cuja depressão é seu componente mais marcante.

Neste caso a tendência a estados depressivos acompanhará o indivíduo pelo resto de seu ciclo vital, já que sua fixação se deu durante a amamentação, onde o temperamento ainda estava sendo constituído e, sendo o temperamento imutável após ser construído, tal tendência também o será.

Para Navarro (1980) a amamentação e cuidados maternos deficitários – como privação, ansiedade materna, ausência de contato mãe/bebê, satisfação inicial seguido de corte súbito de aleitamento – trazem a insatisfação, outro componente que acarretará um estado depressivo, e em casos extremos, onde o indivíduo resignou-se e foi incapaz de superar através da raiva, externando tal frustração ou descontentamento, acabam por desencadear uma neoplasia.

O bebê tem uma capacidade surpreendente de auto-regulação e cabe à mãe entender suas mensagens transmitidas por meio de gestos, contorções, choramingos, ou qualquer outra emissão verbal que ainda não se identifique com palavras, para que seja sanada sua necessidade de forma natural e amorosa.

A mãe e o pai também são responsáveis pelos cuidados para que o bebê não coloque a vida dele mesmo em risco, auxiliando-o a conseguir diferenciar e respeitar os seus próprios direitos, bem como o dos outros, ou

seja, fazê-lo entender o que são limites, dando-lhe continência e mostrando-lhe o certo e o errado segundo seus conceitos.

As marcas desta etapa serão levadas pelo indivíduo por toda sua vida e é também através desses conceitos que o indivíduo interpretará o mundo a sua volta.

Tanto para Navarro (1995) quanto para Baker (1980) são dois os tipos orais de caráter, e apresentam alguns sintomas, são eles:

O oral reprimido – bebê obrigado a um desmame prematuro e muitas vezes abrupto, normalmente antes do nono mês – tem como característica ser uma pessoa sem energia, raivosa e mordaz. Pessoas que falam com voz baixa, são quietas, costumam morder os lábios, se “fecham” e se magoam com facilidade, precisam muito de elogios e de encorajamento. Sempre esperam ser amados sem qualquer esforço. Passam a vida queixando-se da falta de amor e compreensão e acham que as pessoas não gostam delas o bastante devido à baixa auto-estima que carregam em si. Pouco tempo depois de começarem a desempenhar uma atividade ou projeto, abandonam-no por sentirem-se sem energia para finalizá-lo ou ainda acreditam que não darão conta de terminá-lo, pois as dificuldades imaginadas no decorrer serão além do esperado. Podem ser possessivas, traço mais marcante quando conseguem alguém que lhes dê a atenção que julgam necessária. Vê-se na possessividade a expressão do egoísmo, porém devido à baixa energia e medo da perda esse é expresso de forma mais ou menos velada.

O oral insatisfeito – comumente o bebê que mamou além do nono mês e sofreu um desmame mais gradual – esconde sua consciente situação depressiva e procura compensá-la de outra forma via oral, através de comida, bebida, drogas como fumo e álcool, ou qualquer coisa que lhe dê a satisfação oral, bem como falando em demasia e procurando chamar a atenção para si, normalmente salientando seus pontos positivos, uma tentativa clara de angariar para si atenção, interesse e amor. A inveja e o ciúme também são componentes desta fase.

Lowen (1977), por sua vez, prefere não fazer esse tipo de diferenciação e aponta características do caráter oral, não o categorizando em reprimido ou insatisfeito, muito embora os três autores concordem em muitos pontos.

Para Lowen (1977) as características do caráter oral, resumidamente, são:

- Indivíduos bastante sensíveis e dependentes;
- Pessoas nas quais se consegue despertar a irritabilidade ao invés da raiva – essa bem mais difícil de ser provocada. A irritação pode ser escandalosa e violenta, mas sem sentimentos mais fortes e de curta duração;
- Tendência a estados depressivos, dada pela falta de energia para lutar pelos seus objetivos, resultado de uma amamentação deficitária;
- Sentimentos constantes de vazio interior; a satisfação atingida quase sempre é de curta duração, o que elicia esse sentimento;
- Desejo e prazer de falar, principalmente de modo favorável sobre si mesmo de modo a angariar afeto e atenção e quem sabe despertar o amor do outro para com ele;
- Habilidade em falar por normalmente serem pessoas eruditas;
- Alternam estados de bem-estar e depressivos que tendem a ser cíclicos. Quando estão “de bem com a vida” costumam apresentar um ego inflado, já quando depressivos acreditam que o mundo não os ama, e a culpa, lógico, não é dele;
- Relutam em aceitar a realidade, querem que tudo lhes “caia no colo” sem muito esforço, portanto trabalhar além do que ele imagina como necessário para atingir seus objetivos é muito penoso e cansativo. Se conseguir o que quer facilmente evita a decepção da conquista não ser bem o que ele queria, que também normalmente é o que ocorre devido à baixa efetividade de seus atos.

Os maníaco-depressivos e quadros de histeria são psicopatologias associadas a deficiências nesta etapa do desenvolvimento.

A deficiência na amamentação – seja pela falta ou excesso ou ainda pela má qualidade de presença da mãe – causa na criança um eterno estado de espera do que ainda não foi dado – oral reprimido – de que venha mais, sempre mais – oral insatisfeito, porém, de qualquer forma, há sempre a necessidade de se ter mais e como isso é conseguido a um custo muito alto para o oral (ele é hipoorgonótico), ele não quer perder o que conquistou, daí o medo da perda, da falta e do estado depressivo onde ele poderá adentrar

devido à subtração de algo que ele havia conquistado – o que corrobora para justificar a carência e tendência à depressividade (Navarro, 1995).

Em casos extremos como o da histeria – que tem a oralidade como base - também é uma demonstração de um comportamento egoístico, pois a pessoa queria algo que provavelmente lhe seria presenteado; com a frustração dessa probabilidade acontece o “ataque histérico” na tentativa de receber o que lhe foi negado (e talvez até mais) buscando assim sua alegria e satisfação (Navarro, 1995).

No traço de caráter oral, os comportamentos egoísticos são expressos de forma amena pelo fato do indivíduo não querer perder o que já foi conquistado, tanto em função da baixa energia disponível nesse caráter como pela falta de ímpeto para as conquistas, é mais fácil aceitar a perda momentânea de algo do que a perda significativa da pessoa com quem o oral pode “contar” para lhe ajudar ou ainda fazer por ele.

A característica principal do traço de caráter oral é a dependência.



## 5. CARÁTER NARCISISTA

O estabelecimento desse traço de caráter pode se dar durante a etapa de desenvolvimento que Reich (1998) chamou de anal, e que inicia-se com o desmame e vai até o terceiro ano de vida e está associada ao controle dos esfíncteres.

Segundo Navarro (1995), o bloqueio nesse caráter se dá em nível de pescoço, responsável pelo orgulho, vaidade e obstinação, onde é muito importante a competitividade, o carreirismo, o sucesso, a vitória – muitas vezes a qualquer custo – enfim, a busca pelo poder. Característica dos comportamentos egoísticos mais manipuladores e sedutores, o viés mais competitivo e seletivo.

São os agora adultos que na sua infância foram designados pelos seus genitores como especiais e, para corresponder a essa diferenciação, passam a agir da forma que agrada aos pais, inclusive reprimindo sua genitalidade quando do momento da castração (Lowen, 1983).

A criança tem a necessidade de aprovação dos pais e estes, por sua vez, devem cultivar no rebento o que se pode chamar de um narcisismo saudável ou uma boa auto-estima, porém, vez por outra, o que ocorre é o excesso ou a falta de atenção dada pelos genitores. O que em última análise é a base para o narcisismo.

O excesso de atenção cultiva na criança a obrigação de corresponder, ou ainda, de superar as expectativas que os cuidadores lhe inculcem. As expressões mais comuns desses sobre seus filhos são: “Veja como meu filho faz isso com facilidade, parece que nasceu para isso”, ou “Meu filho é impossível mesmo, ninguém pode com ele”, ou “Meu filho vai ser o que eu não pude, vou fazer de tudo para que ele consiga” e tantas outras similares a essas que após tanto ouvir de seus cuidadores, o rebento sente-se obrigado, lhe é inculcida a responsabilidade de satisfazer tais anseios para corresponder às expectativas e fazer jus ao amor de seus pais.

Por outro lado, quando acontece de o filho ser menosprezado pelos cuidadores, quando lhe inculcem que ele não vale nada, que não presta pra nada, que não consegue fazer nada direito ou ainda que tudo o que ele faz dá errado, a criança, com traços narcisistas, desenvolve a necessidade de provar

que é muito melhor do que seus cuidadores pensam e fará de tudo para provar que eles estão errados.

Em ambos os casos a pessoa perde paulatinamente o contato com o seu *self* e passa a cultuar uma imagem, um ideal que é desenhado por ela, onde ninguém é melhor que ela mesma. Isso no fundo é um medo enorme de demonstrar sua fraqueza, embotando seus sentimentos, sua dificuldade em lidar com eles, já que não os conhece, porque tudo na vida desse indivíduo é superficial, é imagem, é criado na sua fantasia.

Por vezes consegue externar tão bem esse mundo fantasioso que os outros acreditam e o acham atraente, superior, mais forte, impressionante. Acredita que os outros se sentem atraídos por ele, e quanto mais os outros o superestimem melhor para o narcisista, mais poderoso ele se sente e assim fica mais fácil seu domínio, desde que não lhe seja exigido um envolvimento emocional mais profundo.

Para estes indivíduos é precário o sentimento do seu próprio *self*, vive de forma vazia, num eterno estado de desolação, inexistente a percepção de sua sensação corporal.

Sua falta de expressividade ou ainda a negação dos seus sentimentos, tem o intuito de defender-lo, não demonstrando o que ele esconde por debaixo de seu corpo, que foi cultuado para ser atraente com o objetivo de seduzir mostrando-se maior e melhor externamente, encobrando assim sua pequenez sentimental.

Busca, não demonstrando seus sentimentos e não se deixando abalar pelas emoções dos outros, dominar e controlar, visando sempre seus próprios interesses, sendo, no fundo, carente do seu verdadeiro *self*.

O narcisista não mede esforços para manter esse seu mundo de fantasia, faz o que for necessário. Ele também não é abalado pelas dificuldades, luta à exaustão para atingir os objetivos que considera importantes. A derrota e o fracasso não são palavras que estão inseridas em seu vocabulário, a simples idéia de um desses dois o faz redobrar seus esforços para assegurar seu sucesso, nada lhe dá mais prazer do que vangloriar-se de seus atos (Lowen, 1977).

Para o narcisista os outros não importam, são apenas meios para conseguir o que ele almeja – que foi desenhado a partir de um ideal fantasiado por ele mesmo.

O narcisista carece – e muito – de empatia, não consegue manter contato com o outro, e se analisarmos mais com um pouco mais de cuidado veremos que ele perdeu antes o contato consigo mesmo, com seus próprios sentimentos. É a partir do contato consigo mesmo que o indivíduo consegue manter contato, ser empático com o outro, o narcisista já não consegue o primeiro, quem dirá o segundo.

Tal como no mito de narciso, a única pessoa por quem o narcisista se apaixona é por ele mesmo. Perde-se e morre sozinho nessa admiração, mesmo que esteja rodeado de pessoas “conhecidas”.

A característica principal do traço de caráter narcisista é o poder, uma tentativa clara de proteger-se da humilhação, de seu senso de inferioridade.

Isto posto podemos a seguir ver como o egoísmo é expresso pelos dois traços de caráter, oral e narcisista.



## 6. A EXPRESSÃO DO EGOÍSMO

Anteriormente, quando falamos sobre o egoísmo no capítulo dois definimos dois subgrupos: o grupo com egoísmo oral e o grupo com egoísmo narcisista; os quais agora podemos correlacionar aos dois traços de caráter.

Assim, podemos relacionar o grupo com egoísmo oral ao traço de caráter oral e o grupo com egoísmo narcisista ao traço de caráter narcisista. Vale salientar que essa divisão é apenas didática para podermos fazer as correlações entre os dois traços de caráter e as formas de expressão do egoísmo, na realidade tal subdivisão não existe, podemos encontrar a sobreposição de comportamentos egoísticos em um mesmo indivíduo; a expressão desse ou daquele tipo de egoísmo depende da importância atribuída à situação apresentada.

O grupo com egoísmo oral contempla os tipos *credulus*, *optimas* e *ego quidem*, as expressões mais “suaves” de egoísmo, onde existe o reconhecimento do outro, talvez muito mais pela dependência do que por reconhecer no outro um aliado, alguém que se pode usar para poupar esforços devido à própria baixa energia, muito embora esse também precise ganhar de alguma forma para que possa continuar fornecendo o que a oralidade de seu recebedor acredita ser necessário.

Existe uma troca e o balanço dessa barganha poder ser positivo ou negativo. O saldo negativo incomoda, mas não chega a desestimular por completo, mesmo porque se o oral “perder” seu “fornecedor” ele pode deprimir e isso é mais insuportável do que uma conta desfavorável eventual; ele pode então fantasiar e não acreditar que essa perda foi uma perda real e definitiva, apenas que ele precisa mudar sua forma de abordar o outro – seu fornecedor.

O grupo com egoísmo narcisista abarca os tipos *opportunitas*, *sociale gradus* e *politicus*, que são as expressões mais “bárbaras” de egoísmo.

Os indivíduos desse grupo além de não reconhecerem o outro como igual a eles, pois acreditam que ninguém é igual ou chega perto do que eles representam, sendo todos os outros inferiores, usam o outro de forma a conquistarem seus objetivos, sem o menor respeito, consideração ou reconhecimento pela existência do outro. Isso de certa forma é bastante fácil de entender, pois se eles não reconhecem nem os próprios sentimentos como

poderiam reconhecê-los no outro ou sentir empatia por qualquer pessoa que seja?

Os egoístas que se encaixam nesse grupo precisam sentir-se os melhores, esmeram-se em fazer com que as outras pessoas os vejam como superiores, desta forma eles conseguem intimidar e as outras pessoas passam a acreditar que eles sejam mesmo superiores ou mais fortes... bom pelo menos fisicamente, já que os narcisistas sempre se colocam ou acima ou “trabalham-se” de forma a parecer maior do que realmente são.

Esses indivíduos somente entram em qualquer negócio, seja ele financeiro, amoroso ou de amizade, pensando em ganhar, lucrar o mínimo que seja, esse ganho pode ser um simples elogio de reconhecimento de sua superioridade, mas precisa existir.

As formas de expressar o egoísmo são aprendidas na sociedade, e, quando o indivíduo é hábil em expressá-lo, o fará de forma sorrateira para conseguir lucrar o máximo possível sem ser notado pelo outro.

Indivíduos com traços de caráter oral e narcisista se utilizam de comportamentos egoísticos diferentes por terem aprendido de maneiras diferentes a expressá-los, mas o objetivo dos dois é o mesmo: ganhar, o que lhe faz falta – atenção, carinho, compreensão, aliados, e etc.

Vendo que ganhar é bom, infla o ego e melhora a auto-estima, cada vez mais se quer ganhar, utilizando-se de estratégias egoístas eficientes para o sucesso numa escala crescente que, se não se der conta, a exacerbação na expressão do egoísmo pode atingir o *status* de peste emocional.

## 7. A PESTE EMOCIONAL

“[...] Um homem atravessa a vida com as muletas da peste emocional quando as expressões autorreguladoras naturais da vida são suprimidas desde o nascimento” (REICH, 1998 p.461).

Dessa afirmação reichiana pode-se concluir que a expressão do egoísmo tanto no caráter oral quanto narcisista pode atingir o *status* de peste emocional quando sorrateiramente toma conta do indivíduo sem que este se dê conta e, por sua vez, perde o contato com a realidade, consigo mesmo, com seus sentimentos e sensações, tornando-se refém de um comportamento egoístico que, se outrora lhe foi útil como defesa e/ou estratégia de sobrevivência pode (e deveria) ser agora revisto para que tome um novo rumo em seu ciclo vital.

Cabe, portanto, ao indivíduo deixar de lado tais comportamentos que se outrora foram úteis, agora já não são mais necessários ou carecem de adaptações devido às mudanças tanto internas, dele próprio, quanto ambientais.

Com o decorrer do tempo tudo muda, o indivíduo trava contato com novas experiências, adquire conhecimentos que o tornam mais “maduro”; o meio, por sua vez, também sofre alterações de forma mais generalizada; ambos se influenciam mutuamente.

Porém a pessoa subjugam-se aos comportamentos egoísticos supostamente em benefício próprio, que por sua vez, excluem-na do convívio social sem que ela mesma conscientize-se disso, acreditando estar certa de suas atitudes – fato esse mais comum para o traço de caráter narcisista.

De forma mais sutil o domínio do viés egoísta da peste emocional acontece no caráter oral através da necessidade de ser cuidado que desperta nas outras pessoas, que as domina de igual forma, utilizando-se dessa estratégia com maestria quando se sente no controle da situação.

A característica básica que diferencia o oral do narcisista é que o primeiro se utiliza de comportamentos egoísticos através da fragilidade de seu “ar” infantil e carente despertando no outro, sentimentos de cuidador, enquanto que o segundo age como sendo superior e fazendo com que o outro sinta sua falta ou ainda necessidade de estar junto a ele, transmitindo uma falsa

sensação de segurança, o que é visto pelo outro como proteção e faz com que o admire e queira pegar para si um pouco deste “carisma” no intuito de sentir-se forte e poderoso também.

O oral demonstra mais seus sentimentos, principalmente sua carência e dependência, pois é através dela que tenta conseguir o que quer.

O narcisista, por sua vez, tem muita dificuldade em demonstrar o que sente já que para ele sentir é sinal de fraqueza – e isso é o que ele não pode demonstrar; é na demonstração de poder que reside sua força, sua capacidade de influenciar o outro, em seu mundo os fracos não tem vez.

Enfim, é a partir da exacerbação e sucesso pela manipulação do outro através destas características que ocorre o domínio do indivíduo pelos comportamentos egoísticos e conseqüentemente as manifestações desnecessárias de tais comportamentos, onde o indivíduo não é mais o dono de si, simplesmente age para sua autorrealização deixando o outro de lado seja de forma gentil ou bruta, desenvolvendo-se assim a peste emocional.

Postula Reich (1998) que a origem da peste emocional está na mais tenra infância e se dá através de um contato físico, energético e emocional deficiente sendo seguido por uma educação rígida, autoritária e compulsiva por parte dos cuidadores e educadores, possibilitado assim a desestruturação do caráter que é a base para o desenvolvimento desta “doença”.

Mas, também segundo Reich (1998), para toda a doença existe prevenção e cura.

E através do restabelecimento de uma vida amorosa natural e saudável, tanto para crianças quanto para jovens e adultos, é que se pode acabar com essa peste, seja ela expressa através de comportamentos egoísticos ou qualquer outra forma que ela assuma.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar, através da correlação dos comportamentos egoísticos com os traços de caráter estudados, que a expressão do egoísmo existe, em maior ou menor grau e de diferentes formas para ambos os traços de caráter – oral e narcisista.

Vale ainda salientar que não só os traços de caráter oral e narcisista apresentam comportamentos egoísticos, os outros traços de caráter também os demonstram, iguais, diferenciados ou em combinações dos aqui versados.

As pessoas com os traços orais de caráter tendem a expressar de forma mais “branda” o egoísmo devido à sua carência, dependência do outro, necessidade de aceitação e resquícios infantis mais acentuados e, levando-se em consideração o medo da perda que assola esses indivíduos devido à sua baixa energia para “ir à luta”, é que eles não podem demonstrar o egoísmo de forma tão aberta.

Já os narcisistas, que se acham auto-suficientes, se dão ao direito de expressar o egoísmo de forma mais escancarada. Eles não têm medo da perda do outro pelo simples fato de não o reconhecerem, afinal nem consigo mesmo eles mantêm contato, nem os seus próprios sentimentos eles conseguem interpretar quem dirá o dos outros, mesmo porque acreditam que os outros dependem deles e não o contrário.

O objetivo das psicoterapias corporais é o restabelecimento da motilidade biopsíquica através da flexibilização das couraças (Reich, 1998), dessa forma o indivíduo poderá conscientizar-se dos sedutores abusos egoístas que tomam conta sorrateiramente de seu ser e assim evitar que a exacerbação de seus comportamentos egoístas desencadeiem nele a peste emocional, tornando o indivíduo mais saudável, com uma melhor capacidade de autorregulação.

Acreditamos que desta forma podemos trocar o egoísmo pela expressão saudável dos limites de cada um e respeito mútuo ao indivíduo como um todo.

Vivemos hoje em uma sociedade doente, ela está cega e insensível para os seus próprios problemas, alguns quase que imperceptíveis outros bastante aparentes. Vemos ainda que o ser humano é o único “animal” que tem consciência de sua própria autodestruição, e por saber disso, também é o único que pode alterar ou ainda manipular o curso dessa drástica evolução,

deixando de ser seu próprio algoz, porém isso é uma tarefa que demanda muita energia e que apesar dos esforços de alguns (ONGs principalmente) o resultado ainda é precário. Talvez pelo egoísmo já institucionalizado, onde o domínio de poucos escraviza a liberdade da maioria em benefício próprio, demonstração clara da falta de contato e sensibilidade.

Cabe, ao ser humano, ao invés de procurar a solução de seus problemas fora dele mesmo ou ainda explorar mundos desconhecidos e distantes com o intuito de mostrar que é mais poderoso que seu semelhante ou de provar ser a raça humana a única com inteligência na galáxia, olhar para dentro de si e para os que estão próximos.

Somente a partir da conscientização e flexibilização de suas couraças com consequente prevenção de biopatias em seus descendentes, visando o nascimento e desenvolvimento de crianças saudáveis, é que, com o decorrer de algumas gerações, poderemos ver os resultados com o verdadeiro surgimento das “crianças do futuro”.



## REFERÊNCIAS

- BAKER, E. F. **O labirinto humano**: causas do bloqueio da energia sexual. São Paulo: Summus, 1980
- BOWLBY, J. **Uma base segura**: aplicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989
- BUSS, D. **Paixão Perigosa** – Por que o ciúme é tão necessário quanto o amor. São Paulo: Objetiva, 2000.
- DAWKINS, R. **O gene Egoísta**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.
- FEHR, E.; RENNINGER, S. O Paradoxo do Samaritano. **Viver – Mente & Cérebro**, São Paulo, n. 144, p. 80 - 87, jan. 2005.
- LANE, S. T. M. **O que é Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- LEE, J.A. Loves styles. In STERNBERG e BARNES (edits). **The Psychology of Love**. Birghamton: Yale University Press. 1988
- LIPTON, B. H. **A Biologia da Crença**. São Paulo: Butterfly editora, 2007
- LOWEN, A. **O corpo em terapia** a abordagem bioenergética. São Paulo: Summus, 1977
- LOWEN, A. **Narcisismo** Negação do Verdadeiro Self. São Paulo: Cultrix, 1983
- NAVARRO, F. **Caracteriologia pós-reichiana**. São Paulo: Summus, 1995.
- NAVARRO, F. **Somatopsicodinâmica**: Sistemática reichiana da patologia e da clínica médica. São Paulo: Summus, 1995a.
- NAVARRO, F. **O bloqueio nos 7 segmentos de couraça e seus comprometimentos energéticos**. Curitiba: Centro Reichiano, 2002
- REICH, W. **Bambini del futuro**. Milano: SugarCo, 1987.
- REICH, W. **Análise do caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- STIRNER, M. **Egoísmo**. Wikipédia a enciclopédia livre. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Max\\_Stirner](http://pt.wikipedia.org/wiki/Max_Stirner). Acesso em: 01/03/2009.
- VOLPI, J. H. & VOLPI, S. M. **Crescer é uma aventura!** Desenvolvimento emocional segundo a Psicologia Corporal. Curitiba: Centro Reichiano, 2002
- VOLPI, J. H. & VOLPI, S. M. **Reich**: da psicanálise à análise do caráter. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.
- VOLPI, J. H. & VOLPI, S. M. **Reich**: da vegetoterapia à descoberta da energia orgone. Curitiba: Centro Reichiano, 2003a

VOLPI, J. H. **Somatização**: a memória emocional ancorada no corpo. Curitiba: Centro Reichiano, 2004. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos.htm). Acesso em: 01/03/2009

VOLPI, J. H. **Particularidades sobre o temperamento, a personalidade e o caráter, segundo a psicologia corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, 2004a. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos.htm). Acesso em: 01/03/2009

VOLPI, J. H. **Segmentos de couraça e seus correspondentes neuropsicofisiológicos**. Curitiba: Centro Reichiano, 2005.

VOLPI, S. M. **Leitura Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, 2005a

VOLPI, J. H. **Caracterologia pós-reichiana**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos.htm). Acesso em: 01/03/2009.

WERNER, D. **Sexo, Símbolo e Solidariedade**: Ensaios de Psicologia Evolucionista. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.



Maccarini, Renato Moretto

A expressão do egoísmo e sua relação com os traços de caráter oral e narcisista segundo a psicologia corporal / Renato Moretto Maccarini – Curitiba, 2009

Orientador: Prof. Dr. José Henrique Volpi

Monografia do curso de especialização em psicologia corporal, Centro Reichiano de Psicoterapia Corporal

1. Caráter oral. 2. Egoísmo. 3. Expressão. 4. Narcisista



CENTRO REICHIANO DE PSICOTERAPIA CORPORAL

RENATO MORETTO MACCARINI

A EXPRESSÃO DO EGOÍSMO E SUA RELAÇÃO COM  
OS TRAÇOS DE CARÁTER ORAL E NARCISISTA  
SEGUNDO A PSICOLOGIA CORPORAL



Curitiba

2009

